

JIMÉNEZ, Gerard; YÁNIZ, Javier (org.). *Síntese da fé católica: a doutrina da Igreja em 36 aulas*. São Paulo: Cultor de Livros, 2023, 408p.

VANDERLEI DE LIMA\*

O presente livro faz jus ao seu acertado título. É, com finalidade catequética, uma síntese segura da doutrina católica na fidelidade ao Magistério vivo da Igreja. Organizada por dois sacerdotes da Prelazia pessoal do Opus Dei, na Espanha, conta com a colaboração de vários teólogos e canonistas da Pontifícia Universidade Santa Cruz, de Roma. Sua leitura atenta é, portanto, recomendada aos desejosos de um material sólido, mas, ao mesmo tempo, didático e objetivo.

No estilo de um Catecismo clássico, a obra tem início com a exposição do anseio de Deus presente no ser humano e a possibilidade de reconhecê-Lo pelas vias naturais e conclui-se – depois de percorrer os grandes temas da nossa fé – com uma explanação sobre a oração que Jesus nos ensinou, o Pai-Nosso.

Certo é, diga-se, logo de início, que os elogios merecidos pelo precioso

livro não impedem o leitor atento de sugerir que apareçam mais citações bíblicas em alguns capítulos. Tal ausência é sentida, por exemplo, na abordagem da Escatologia (p. 201-208). Neste ponto, mesmo que a purificação póstuma – o estado chamado purgatório – esteja bem embasada, o tema do inferno parece sumário demais. Poderiam ser indicadas algumas das seguintes passagens bíblicas do Antigo e do Novo Testamento: Is 66,24; Dn 12,2; Sb 4,18-19; Mt 25,33-46; Mc 3,28-29; 9,47; Jo 3,18; 5,29; Gl 5,19-21; Ef 5,5; 2Cor 4,3-4, entre outras. Como quer que seja, assim escreve, com esmero, Paul O’Callaghan: “Não é que Deus predestina alguém à condenação perpétua; é o homem que, buscando seu fim último sem Deus e longe da sua vontade, constrói para si um mundo isolado no qual a luz e o amor de Deus não podem

\* Ir. Vanderlei de Lima é eremita de Charles de Foucauld. Graduado em Filosofia pela PUC-Campinas. Especialista em Psicopedagogia (Unifia-Amparo) e em Teologia (Iniassu, Nova Iguaçu). Contato: [toppaz1@gmail.com](mailto:toppaz1@gmail.com)

penetrar. O inferno é um mistério, o mistério do Amor rejeitado, é um sinal do poder destrutivo do homem livre quando se afasta de Deus. O inferno é ‘não amar mais’, diziam muitos escritores. A doutrina sobre o inferno se apresenta no Novo Testamento como um chamado à responsabilidade no uso dos dons e talentos recebidos e à conversão. A sua existência faz o homem vislumbrar a gravidade do pecado mortal e a necessidade de evitá-lo por todos os meios, principalmente, como é lógico, através da oração confiante e humilde. A possibilidade da condenação perpétua também lembra aos cristãos a necessidade de viver uma vida inteiramente dedicada aos outros no apostolado cristão” (p. 206-207).

Fiel ao propósito sintético do livro em comento, Ángel García Ibáñez, após tratar das várias formas de Cristo se fazer presente na Igreja (p. 234), à luz do *Catecismo da Igreja Católica*, número 1373, assim fala da transubstanciação: “A presença verdadeira, real e substancial de Cristo na Eucaristia implica uma conversão extraordinária, sobrenatural, única. Essa conversão tem seu fundamento nas próprias palavras do Senhor: ‘Tomai e comei... bebei dele todos, porque isto é meu sangue, o sangue da Nova Aliança...’ (Mt 26,26-28). Com efeito, essas palavras se tornam realidade apenas se o pão e o vinho deixam de ser pão e vinho e se

convertem no Corpo e no Sangue de Cristo, porque é impossível que uma mesma coisa possa ser simultaneamente dois seres diversos: pão e Corpo de Cristo; vinho e Sangue de Cristo” (p. 235-236). E, à luz do *Catecismo*, em seu número 1376, o mesmo autor diz: “Embora os sentidos captem verdadeiramente as aparências do pão e do vinho, à luz da fé nos dá a conhecer que o que realmente se contém sob o véu das espécies eucarísticas é a substância do Corpo e do Sangue do Senhor. Graças à permanência das espécies sacramentais do pão, podemos afirmar que o corpo de Cristo – sua Pessoa inteira – está realmente presente no altar ou no cálice, ou no Sacrário” (p. 236).

No que diz respeito à Unção dos Enfermos, Ibáñez é bem detalhista (p. 261-265). Ele observa que “para receber os frutos deste sacramento requer-se no sujeito a prévia reconciliação com Deus e com a Igreja, pelo menos, com o desejo, unido inseparavelmente ao arrependimento dos próprios pecados e à intenção de confessá-los, assim que for possível, no sacramento da Penitência. A Igreja prevê, por isso, que antes da Unção, se administre ao enfermo o sacramento da Penitência e da Reconciliação (SC 74)” (p. 263). E assevera: “A recepção da Unção dos enfermos não é necessária como meio para a salvação, não se deve, porém, prescindir voluntariamente

desse sacramento, se for possível recebê-lo, pois seria o mesmo que rejeitar um auxílio de grande eficácia para a salvação. Privar um doente dessa ajuda, poderia constituir um pecado grave” (p. 264-265). O estudioso chama a atenção de todos os que têm, de algum modo, contato com idosos e/ou doentes, no próprio lar, mas especialmente em clínicas ou hospitais, para que não lhes soneguem os sacramentos da Penitência, da Unção dos Enfermos e da Eucaristia (o viático); isto é, chamem um sacerdote para atendê-los.

Importa, a título de oportuno complemento (dado o infeliz desleixo de alguns para com a Unção dos Enfermos), lembrar as palavras do Santo Padre, o Papa Francisco, na *Catequese* de 26 de fevereiro de 2014, sobre a importância de se desmistificar o que há de negativo em torno deste sacramento e, assim, possibilitar aos enfermos e/ou idosos sua recepção. O Pontífice afirma: “Na presença de um doente, por vezes pensa-se: ‘chamemos o sacerdote para que venha’; ‘Não, dá azar, não o chamemos’, ou então, ‘o doente assusta-se’. Por que se pensa assim? Porque um pouco há a ideia de que depois do sacerdote venha a agência funerária. E isto não é verdade. O sacerdote vem para ajudar o doente ou o idoso; por isto é tão importante a visita dos sacerdotes aos doentes. É preciso chamar o sacerdote para junto do doente e dizer: ‘venha, dê-lhe a

unção, abençoe-o’. É o próprio Jesus que chega para aliviar o doente, para lhe dar força, para lhe dar esperança, para o ajudar; também para lhe perdoar os pecados. E isto é muito bonito! E não se deve pensar que isto seja um *tabu*, porque é sempre bom saber que, no momento da dor e da doença não estamos sós: com efeito, o sacerdote e aqueles que estão presentes durante a Unção dos enfermos representam toda a comunidade cristã que, como um único corpo, se estreita em volta de quem sofre e dos familiares, alimentando neles a fé e a esperança, e apoiando-os com a oração e com o calor fraterno. Mas o maior conforto provém do fato de que quem está presente no Sacramento é o próprio Senhor Jesus, que nos guia pela mão, nos acaricia como fazia com os doentes e nos recorda que já lhe pertencemos e que nada – nem sequer o mal nem a morte – jamais nos poderá separar d’Ele. Temos este hábito de chamar o sacerdote para que, aos nossos doentes – não digo doentes de gripe, uma doença de 3-4 dias, mas quando é uma doença séria – e também para os nossos idosos, venha lhes conferir este Sacramento, este conforto, esta força de Jesus para ir em frente? Façamo-lo!”. Estes pontos foram lembrados por Francisco como intenção do Apostolado da Oração para o mês de julho de 2024.

Ante a sadia dificuldade de escolher sobre qual dos temas nos

debruçarmos mais, cabe pensar naqueles que dizem respeito à ação dos fiéis leigos na sociedade. Com efeito, todos os católicos estão, em virtude da sua união com Cristo pelo Batismo, capacitados a oferecer sacrifícios espirituais, levar o mundo a Deus e Deus ao mundo. Escreve sobre isto Miguel de Salis: “Todos os batizados são chamados a colocar em relação Deus e os outros. Há uma dimensão ascendente e outra descendente do sacerdócio comum. A ascendente nos capacita para elevar a Deus nossas vidas com tudo o que implicam, junto com Cristo. Nele, na Santa Missa, nossos pequenos trabalhos e sacrifícios adquirem um valor de eternidade. Mais para a frente, no Céu, nós os veremos transfigurados. A dimensão descendente do sacerdócio comum implica que o sacerdote comunica os dons de Deus aos homens. Torna-nos instrumentos da santidade dos outros, por exemplo, com o nosso apostolado. Realizamos isso através da missão dos pais quando ajudam seus filhos a crescer na fé, na esperança e na caridade, ou na santificação do matrimônio e da vida familiar” (p. 165-166).

Ainda: “O sacerdócio comum também comporta a missão real de Cristo, pela qual todos os cristãos

fazem com que Cristo reine em suas vidas e em seu ambiente, servindo os outros, especialmente os pobres, os doentes e todos os necessitados. O serviço é o modo de exercício da dignidade real dos cristãos. Ajuda-nos igualmente a descobrir e a realizar o que Deus pensou para o mundo. Deus pensou no sacerdócio comum e no ministerial mutuamente ordenados entre si na Igreja. Seu sacerdócio se apresenta na terra nessa mútua articulação. O clericalismo é, por isso, um desequilíbrio dessa ordenação mútua. Esse desequilíbrio acontece quando os ministros invadem o campo dos fiéis em assuntos e coisas que não lhes dizem respeito, ou quando os fiéis não-ordenados invadem o campo do sacerdócio ministerial realizando funções que são dos ministros” (p. 166-167). Este importante, mas pouco explorado ponto, tem seu complemento no tema 17, *A Igreja e o mundo*, escrito por Enrique Colom, Christian Mendoza e Ramiro Pellitero (p. 181-191), e no 18, *A Doutrina Social da Igreja* (p. 193-200), de autor anônimo.

Eis, em poucas palavras, a importância desta obra que muito pode ajudar o fiel católico a melhor conhecer a sua fé e, deste modo, melhor amá-la e praticá-la.

Resenha recebida em 05/11/2024 e aprovada para publicação em 10/12/2024